REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 368

11 DE MARÇO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

O carnaval de Lisboa vae-se civilisando e vae tomando o seu logar entre os carnavaes fallados da Europa.

Nos jornaes hespanhoes e nos jornaes francezes, já vem noticia do carnaval de Lisboa ao lado da noticia do carnaval de Nice, e contam-se esplendores da Batalha da Avenida, ao lado dos esplendores da Batalha do Passeio dos Inglezes.

Isto que á primeira vista parece não querer dizer nada tem muita importancia; quer dizer não só a satisfação d'essa vaidade moderna — a doença do nosso tempo que tanto ataca os individuos, como as cidades e como os paizes—de ver o seu nome em lettra redonda; a realisação d'esse desejo de figurar que é o caracteristico do ultimo quartel do seculo XIX, como tambem e principalmente que a nossa capital vae entrando no numero das terras em que se falla, que vae furando essas sombras de mysterio em que para o estrangeiro andava envolvida e que a faziam passar por uma região tão desconhecida como o Bihé, e que a tres dias apenas de viagem de Paris a faziam quasi que completamente ignorada da civilisação europea.

Agora Lisboa já vae deixando de ser uma terra desconhecida e mysteriosa para o mundo europeo.

É raro o dia em que os jornaes de Paris não fallam da nossa terra; as celebridades artisticas mais illustres de França já cá vem, e o que é mais já cá voltam, o que prova que a convivencia de Lisboa não lhe é desagradavel e que a nossa terra é como certos individuos que ganham em ser conhecidos de perto.

O casamento de sua alteza o principe D. Carlos com uma princeza franceza não contribuiu pouco tambem para pôr Lisboa em certa evidencia na França, e os grandes melhoramentos materiaes da nossa cidade, a grande transformação que se vae operando na nossa terra e nos nossos costumes auxiliam perfeitamente esse movimento de notoriedade que vae evidenciando Lisboa, e contribue poderosamente para a tornar sympathica e agradavel no estrangeiro.

Mais um bocadinho de actividade e de persistencia e Lisboa será dentro em breve uma das estações mais concorridas da Europa como estação de recreio e de festas, será uma outra Nice, para o que o seu formoso clima e a sua pittoresca situação a ajudam muito, e sobre quem a sua grande extensão, a sua vida commercial e industrial de grande cidade, lhe dão superioridade incontestavel.

E é sob este ponto de vista que de modo algum é para despresar, que são de bom agouro os echos que o nosso carnaval vae tendo lá fóra.

Para os grandes effeitos todas as causas concorrem, mesmo ás vezes aquellas que apparentemente mais futeis e insignificantes parecem. Com as festas do carnaval dá-se este caso.

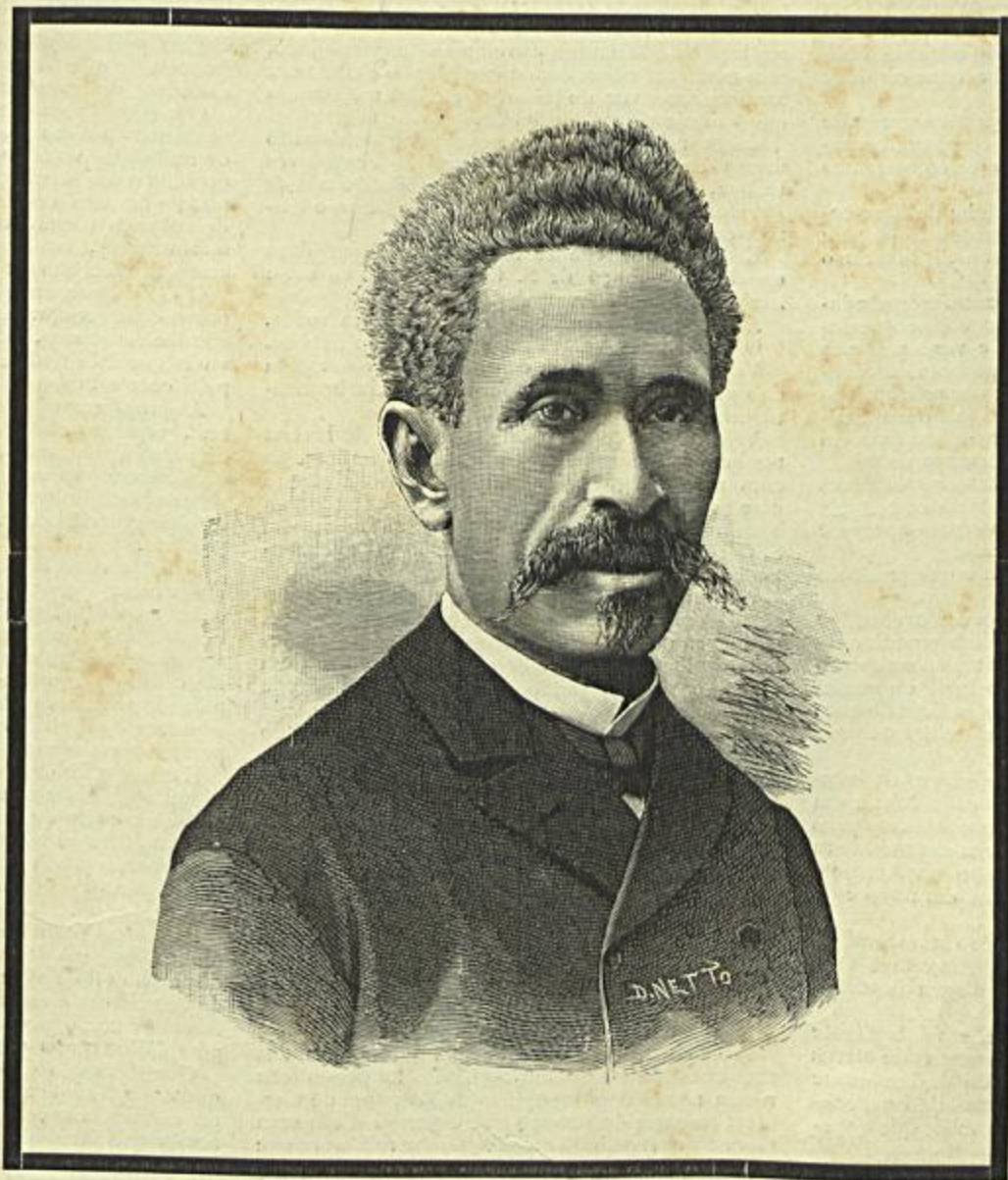
Essas festas são o grande attractivo de Nice, são ellas que para lá levam todos os annos milhares de estrangeiros dos mais illustres da Europa que, que dão grande vida, grande animação, grande celebridade áquella cidade pittoresca.

Desde o momento em que o nosso carnaval seja fallado lá fóra, tenha notoridade no estrangeiro, pelos esplendores das suas festas, a corrente que vae para Nice começará a desviar-se para Lisboa, e com certeza nada teremos que perder com isso.

Parece-me que vale bem a pena attentar n'estas considerações, e approveitar habilmente, intelligentemente, a transformação que se tem operado ultimamente nos nossos habitos carnavalescos.

Essa transformação data de pouco tempo ainda, tem tres annos apenas e n'estes annos tem feito rapido caminho.

Não havia nada de mais semsabor e de mais brutal que o carnaval de Lisboa como era d'antes. Eu não sou já do tempo em que se brincava o entrudo á pancada, quebrando cabeças, com tachos e cacos velhos, que se despejavam das janellas sobre os transeuntes, e em que se vasavam olhos com laranjas cheias de greda, mas sou do tempo dos pós de sapatos dissolvidos em azeite e dos ovos de gemma, que pintavam omolletes nas paredes de todos os predios de Lisboa.

Era essa a phase do entrudo lisboeta quando eu comecei

ROBERTO DUARTE DA SILVA—FALLECIDO EM PARIS A 9 DE FEVEREIRO DE 1889

(Segundo uma photographia

a tomar parte, em divertimentos carnavalescos.

Lembro-me ainda d'um entrudo — foi o de 1867 ou 1868 — ha 21 ou 22 annos, em que eu passei os tres dias gordos, a correr as ruas de Lisboa em companhia do Luciano Cordeiro e do pobre Augusto Alexandrino do Carmo, que depois foi meu cunhado, e que a morte tão cedo roubou aos seus amigos e aos seus filhos — com as algibeiras cheias de ovos de gemma a quebrar vidros e a fazer gemmadas por essas ruas.

N'uma casa da travessa de Santo Amaro lembro-me perfeitamente — parti eu com um ovo de gemma, um riquissimo espelho veneziano que estava n'uma sala na parede fronteira a uma janella aberta.

No Chiado não se podia passar, sem grave risco.

Ahi o entrudo tinha uma feição perfeitamente selvagem; jogava-se á pancada, principiava nos chapeus e acabava nas cabeças e quando a policia entrevinha levava pancada tambem, e n'um dos annos uns policias ficaram com os queixos partidos e os dentes quebrados á pedrada na rua do Outeiro.

Porque na furia carnavalesca quando os ovos acabavam eram substituidos por pedras, e muitas vezes essa substituição era quasi inutil, pois ovos de gemma, inteiros, arremessados com vontade, faziam perfeitamente o effeito de pedradas.

Uma visinha minha na casa onde então eu morava, na Rua da Escola Polytechnica, a filha do sr. dr. João Felix Pereira, que depois foi uma das mais formosas e intelligentes actrizes de Lisboa, recebeu n'esse entrudo a pancada d'um ovo na cara, que a obrigou a estar fechada n'um quarto cinco dias em grave risco de ficar cega!

E era assim que ha vinte annos se brincava o entrudo, e entretanto os velhos d'esse tempo já notavam uma grande transformação civilisadora no entrudo e uma grande modificação para doçura nos seus brinquedos!

Ha vinte annos era isto, e ha tres annos ainda os divertimentos carnavalescos consistiam na mesma coisa, mais tremoço menos tremoço, mais cartuxo de pós menos cartuxo de pós, e apenas os ovos tinham desapparecido de scena sendo substituidos pelas bisnagas, que fizeram a sua entrada triumphal no entrudo lisboeta ha onze ou doze annos.

Ha tres annos, porém, na terça feira gorda de 1887 é que se operou nos nossos costumes carnavalescos a feliz evolução que hoje constatamos alegremente.

Foi n'essa terça feira gorda que ha de ficar celebre nos annaes dos nossos entrudos, que pela primeira vez em Lisboa se pensou em brincar o entrudo com flores.

N'esse dia appareceram de repente, inesperadamente, na Avenida, uns carros particulares graciosamente enfeitados com flores e verduras, e as pessoas que iam n'esses carros, senhoras e cavalheiros dos mais conhecidos da nossa primeira sociedade, principiaram a atirar uns aos outros, rosas, violetas, camelias, rebuçados e *bon-bons* em vez de tremoços, d'ovos ou de cartuxos de pós.

Esse pequeno simulacro das batalhas de flores tão falladas lá fóra, fôra combinado entre meia duzia de familias elegantes, na vespera apenas e improvisado em menos de 24 horas.

Era como que uma experiencia e que produziu o melhor resultado.

O povo admirado de ver aquillo, comprehendeu que se podia brincar o entrudo sem procurar fazer mal ao proximo, que havia outro divertimento carnavalesco além da aggressão mais ou menos disfarçada, e comprehendeu que esse divertimento era mais bonito, mais alegre, mais elegante mais pittoresco e tomou-lhe o gosto.

No anno seguinte, 1888 os iniciadores da batalha das flores accordaram mais cedo com a sua lembrança, organisaram mais seriamente com mais tempo e mais vagar a festa, e na segunda feira o publico de Lisboa agglomerado na Avenida, presenceou esse espectaculo para elle novo e de lindissimo effeito.

Infelizmente a chuva metteu-se tambem na festa e exactamente quando a batalha estava a ser mais animada uma valente carga d'agua dispersou tudo.

Este anno a festa repetiu-se e foi brilhante tambem apesar de ser menor o numero de carros enfeitados e não haver nenhum do deslumbrante effeito do carro dos srs. marquezes da Foz, condes de Burnay, e do carro do Minho, que appareceram no anno passado.

Em compensação este anno a festa foi honrada e animada com a presença de Sua Magestade a Rainha, de Sua Alteza Real a Princeza D. Amelia, e sua irmã a Princeza Helena de Orleans, que tomaram alegremente parte na batalha das flôres dando-lhe um alto tom de elegancia. O numero de trens sem serem enfeitados, foi extraordinariamente superior ao do anno antecedente, e a multidão muito maior.

A multidão foi tão grande que chegou a prejudicar a festa invadindo toda a Avenida e não deixando senão um espaço muito acanhado para se dar a batalha.

Apesar d'isso o effeito foi esplendido e o OCCIDENTE dá hoje em gravura alguns *croquis* d'essa extraordinaria e elegante festa, que alvoroçou toda Lisboa e que trouxe cá muita gente das provincias, que aproveitou a reducção de preços feita expressamente para a batalha das flores pela Direcção dos Caminhos de Ferro.

O facto é que estão aclimadas em Portugal as batalhas das flores. Este anno tambem já o Porto teve a sua batalha. Por emquanto tem ainda deficiencias como não podia deixar de ser, mas de anno para anno essas deficiencias se irão corrigindo, e tudo faz prever que o carnaval de Lisboa abandone de todo em breve o seu brutal feitio antigo e entre abertamente, completamente no caminho elegante e moderno, que tão brilhantemente encetou já.

Que assim seja!

*

* *

A nossa chronica de hoje foi quasi toda empregada em fazer, a correr, a historia do entrudo n'estes ultimos annos; e o pouco espaço que nos resta consagral-o-hemos á reapparição do tenor Valero no theatro de S. Carlos, que com tanta alegria e enthusiasmo foi saudado pelos frequentadores do nosso theatro lyrico.

Fernando Valero, um tenor hespanhol que ha dois annos esteve em Lisboa onde creou os *Dorias*, de Augusto Machado, e os *Pescadores de Perolas*, de Bizet, é depois de Massini, Gayarre e Tamagno, o tenor que n'estes ultimos annos maior successo tem tido em S. Carlos e mais querido se tornou do nosso publico.

E esse successo é perfeitamente justo, essa sympathia do publico completamente justificada.

Fernando Valero é um artista muito novo ainda, um rapaz de 32 annos, estremamente sympathico, sem nenhuma pose, com muito talento e com uma formosissima voz de tenor, que é das mais bellas que ha hoje no mundo lyrico.

Canta muito bem, tem um grande sentimento dramatico e em todas as operas que cantou em Lisboa, a *Carmen*, os *Dorias*, os *Pescadores de Perolas* e a *Gioconda* teve brilhante exito e deixou de si as mais gratas recordações.

E desde que elle se foi embora, n'estas duas epochas o publico de S. Carlos muitas vezes se lembrava d'elle com saudade.

Ah! quem nos dera cá o Valero! diziam todos.

O sr. Campos Valdez fez a vontade ao publico.

Valero acabou o seu contracto com a empreza da opera de Madrid onde fez uma epocha brilhantissima e propoz-lhe logo escriptura.

Valero que conservava do publico de Lisboa tambem as mais gratas recordações, e que lhe paga com muita sympathia tambem a sympathia que esse publico lhe mostrou sempre, acceitou logo a escriptura e na sexta feira 8, fez o seu debute em S. Carlos, na *Carmen*, uma das suas mais brilhantes corôas.

A noticia da escriptura de Valero que era desejada com anciedade foi recebida com alvoroço, o theatro de S. Carlos encheu-se na noite do debute do illustre tenor e apenas Valero entrou em scena, o publico saudou-o com uma prolongada salva de palmas.

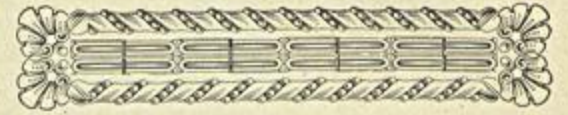
Valero começou a cantar e o publico viu então com muito prazer que os dois annos de ausencia longe de prejudicarem o artista o aprimoraram mais ainda: a sua voz ganhou em volume e em segurança, o seu methodo de canto adquiriu mais certeza e correcção, o seu talento dramatico robusteceu-se, avigorou-se, e todo o papel de D. José, na famosa opera de Bziet foi para Valero um continuo triumpho, e uma ruidosa ovação.

E essa ovação e esse triumpho tem tanto mais valor, são tanto mais significativas e gloriosas para o illustre tenor, que a primeira noite da *Carmen* foi a noite mais tumultuosa e tempestuosa que n'estes ultimos annos tem havido em S. Carlos.

A celebre prima dona Pasqua que tão grandes successos tem tido em S. Carlos foi pouco feliz n'essa 1.ª noite na interpetração do papel de Carmen, e parte do publico que esperava d'ella uma Carmen excepcional manifestou-lhe ruidosamente o seu desagrado. Outra parte do publico applaudia a illustre cantora e d'ahi um charivari medonho.

O resto do desempenho da *Carmen* deixou muito a desejar e provocou tambem repetidas vezes a pateada, e no meio d'essa representação tumultuosa Valero teve uma ovação colossal, trechos bisados, era a todo o momento interrompido por bravos enthusiasticos, e essa noite deve marcar-se com certeza entre as mais gloriosas da sua triumphal carreira artistica.

Na 2.ª noite da *Carmen* a opera correu muito melhor, a Pasqua foi muito mais feliz no desempenho do seu papel, a tempestade serenou, Valero teve a mesma grande ovação da 1.ª noite e por vezes a Pasqua partilhou d'ella tambem e com justiça.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ROBERTO DUARTE DA SILVA

Vem um pouco tarde a commemoração que o OCCIDENTE faz hoje da morte do benemerito portuguez e eminente professor Roberto Duarte da Silva, occorrida em Paris a 9 de fevereiro ultimo.

Diversas difficuldades impediram de mais cedo publicarmos o seu retrato, e ainda hoje o fazemos sem os sufficientes dados biographicos da sua vida tão utilmenteem pregada no serviço da sciencia, como raramente se poderá encontrar dedicação egual.

As notas biographicas mais desenvolvidas, esperamos ainda obtel-as de um amigo do illustre morto, que as está coordenando, e logo que as tenhamos as publicaremos, entretanto traçamos aqui algumas linhas a respeito de Roberto da Silva, para acompanharem o seu retrato que o OCCIDENTE hoje colloca na já longa galeria dos mortos illustres que honram as suas paginas.

Longe da patria e quasi ignorado n'ella, nem por isso a sua morte deixou de impressionar tristemente os amigos que aqui tinha, como impressionara profundamente a classe do professorado francez, de que Roberto da Silva era um dos mais distinctos ornamentos em Paris.

O merito do grande professor de chimica não se distinguia n'um meio acanhado e ecomiastico de nullidades vaidosas, erguia-se e evidenciava-se no centro das sciencias, na illustrada França onde tantos homens eminentes dão a lei ao mundo da sciencia, d'onde dimanam tantas descobertas maravilhosas, tantas verdades scientificas, que acatadas e seguidas com proveitosos resultados.

O elogio, portanto, dos altos merecimentos do nosso compatriota, está no valor do meio em que elles se revelaram, independentes de todos os favores que lhes podessem viciar a origem ou empallidecer o brilho.

Assim affirmam-se simplesmente pelo seu valor real, representado pelo estudo serio e dedicado de uma vida consumida pelo trabalho persistente e incessante nas locubrações da sciencia e do magisterio, que Roberto da Silva tinha por uma religião de que não despresava o mais insignificante preceito.

Foi este culto austero que o levou a morrer sobre a banca do estudo, leccionando os seus discipulos até aos ultimos momentos da sua vida, pois bem se póde dizer que a luz do seu espirito se apagou com a ultima licção que os seus discipulos lhe ouviram, ou melhor lhe escutaram em compungido silencio, porque essa lição era um esforço supremo do espirito que o phisico amortecido mal poude acompanhar.

E quando Roberto da Silva encontrava no meio d'esta fraqueza phisica precursora da morte proxima, um resto de força a apoiar-lhe o fugitivo espirito, bem se póde avaliar o que seria aquella organisação privilegiada, na lucta que sustentou para alcançar a eminencia a que subiu na sciencia que professou.

Esta lucta junta ao zelo inexcedivel no cumprimento dos seus deveres de professor, exigiram um dispendio tal de vida, que esta não póde ir além dos cincoenta e um annos e findou exhausta pelo trabalho, como lampada que expira com a ultima gôta d'oleo que a alimentava.

Que gloriosa vida e que gloriosa morte, na tranquilidade d'aquella consciencia, pela satisfação de ter cumprido a sua missão tão completamente que a vida não lhe podia chegar para mais.

Roberto da Silva devia ter esta consolação no momento extremo da existencia, em que poderia dizer com natural orgulho—esta vida que se me vae não foi inutil.

Quantos poderão dizer o mesmo.

Roberto Duarte da Silva nasceu da ilha de Santo

Antão, archipelago de Cabo Verde, no anno de 1838.

Em Lisboa estudou pharmaceutica e novo ainda partiu para Macau, onde se foi estabelecer com pharmacia, subsidiado pelo governo portuguez. Isto acontecia pelos annos de 1859.

De Macau passou a Hong-Kong, no exercicio da mesma profissão, e foi n'esta cidade que travou conhecimento com alguns officiaes do exercito francez que ali se encontravam por motivo da guerra da França na China.

Foi n'esta situação que o nosso compatriota prestou os serviços da sua sciencia e medicamentos a parte d'aquelle exercito, e com tal dedicação e desinteresse o fez, que lhe valeram as sympathias e estima dos francezes, principiando a animal-o a que fosse para França.

O desejo ardente que Roberto da Silva tinha de desenvolver os seus estudos de chimica, sciencia que lhe despertava todo o interesse, fez com que elle se resolvesse a deixar a China, e reunindo os seus haveres, fructo do seu trabalho, partiu para França em 1863 e instalou-se em Paris.

Ali procurou habilitar-se a fazer exame de sciencias phisicas, e frequentou os laboratorios de Wurtz e de Pisani, onde deu provas distinctas da sua rara aptidão e profundos conhecimentos da chimica.

Principiou então a publicar os seus livros sobre chimica e o valor d'essas obras foi justamente premiado pela Academia das Sciencias de França com o premio Jecker, valendo-lhe ainda o ser nomeado socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Em 1867 foi eleito presidente da Sociedade Chimica de Paris, e esta distincção concedida a um estrangeiro, revela claramente o alto conceito em que era tido o seu saber e as suas excellentes qualidades individuaes.

Roberto da Silva encontrara na capital da França campo desafogado para os seus estudos, e o apreço independente e expontaneo que lhe compensava as fadigas d'esses estudos.

Cultivava a sciencia pelo amor da mesma sciencia, dominado pela idéa de ser util á sociedade, sem curar muito dos proprios haveres de que tinha de viver.

D'isto lhe resultou que os modestos recursos com que se tinha installado em Paris, lhe desappareceram um dia quasi roubados por quem lh'os administrava e para cumulo do infortunio, por essa mesma occasião o illustre chimico era victima d'um desastre no laboratorio, em que a explusão de um apparelho o feriu gravemente no rosto fazendo perder-lhe um olho.

N'estas circumstancias Roberto da Silva teve que procurar uma collocação que lhe desse com que viver, e empregou-se como chefe dos trabalhos de chymica analitica na Escola Central de Paris.

Esta nova posição foi para elle motivo de novos triumphos, pois as suas conferencias e demonstrações distinguiram-se de tal modo que poucos tempos depois, quando em Paris se organisou a Escola Municipal de Chimica e Physica, foi Roberto da Silva escolhido para professor de chimica d'esta nova escola.

Mais tarde, em 1886, vagou a cadeira de chimica analytica na Escola Central, e o concelho da escola escolheu-o para a reger em tirocinio.

Roberto da Silva accumulava d'este modo tres commissões de ensino n'um paiz em que a sciencia tem tantos cultores, e esta preferencia dada ao nosso compatriota, prova bem a sua capacidade de pouco vulgar até mesmo nos grandes centros da sciencia.

A saude, porem, de Roberto da Silva, é que não podia com tantos encargos, muito especialmente com o zelo com que elle os desempenhava, e isso o fez resignar o seu logar de professor da chimica da Escola Municipal de Chimica e Physica de Paris.

Apesar d'isto a sua saude debil e gasta por tão aturados trabalhos era cada vez mais melindrosa, e quando o anno passado,foi nomeado lente cathedratico da sua cadeira da Escola Central, esta nomeação colheu-o já n'um estado deploravel, em que elle mal podia sentir a alegria do premio dos seus trabalhos.

Morreu no seu posto, tendo ainda quinze dias antes de fallecer, leccionado os seus discipulos que o escutavam dissimulando piedosamente a difficuldade com que ouviam a sua voz quasi extincta, segundo disse Mr Friedel n'um sentido discurso que pronunciou á beira da sepultura do nosso infeliz compatriota.

O funeral do illustre professor foi concorrido pelas sumidades do professorado e da sciencia de Paris, fazendo-se tambem representar a Escola Polytechnica de Lisboa. Foi sepultado no cemiterio do Monit Parnasse no dia 11 de fevereiro.

Roberto da Silva era agraciado pelo governo francez com o grau de cavalleiro da Legião de Honra, e pelo governo portuguez com a commenda de S. Thiago.

Honra ao illustre homem de sciencia que tanto soube distinguir e honrar o nome portuguez na grande nação que marcha na vanguarda de todos os progressos.

A BARONEZA MARIA VERTSERA

Voltamos ainda hoje a fallar do sangrento drama que teve por protogonistas o infeliz principe Rudolpho d'Austria e a sua amante, a baroneza Maria Vertsera, de quem publicamos o retrato a pag. 64.

Este triste acontecimento tem chamado tanto as attenções geraes, pela importancia dos personagens que n'elle figuraram, que não podiamos deixar de completar a sua chronica publicando o retrato da baroneza Vertsera, causa principal do terrivel drama, e victima como o principe dos seus amores infelizes.

A baroneza Maria Vertsera, era filha do barão Vertsera, fidalgo ungaro e politico importante da Austria-Ungria, e da baroneza de Vertsera Madame Baltazzi a qual levou para o poder de seu marido uma avultada fortuna.

O barão de Vertsera morreu em 1887 no Cairo, onde fôra encarregado de negocios do governo austriaco, e a sua viuva não seguindo os principios economicos de seu marido, principiou a desenvolver a ambição de figurar e estreitar relações com a nobreza, dando ruidosas festas no seu palacio, para as quaes convidava os mais altos personagens da aristocracia de Vienna.

Foi n'uma d'essas festas, a que o principe Rudolpho concorreu, que este viu a filha da baroneza, uma joven de 17 annos, formosa, de cabellos negros e tez morena, que desde logo captivou doidamente o seu coração.

A baroneza mãe conheceu bem a sympathia que sua filha inspirára ao principe e os progressos d'essa sympathia que se transformou em louca paixão; mas não procurou desviar sua filha do caminho perigoso em que a via entrar e antes deixou livremente os dois namorados, porque esse namoro a orgulhava e satisfazia as suas ambições de grandeza.

Mal pensava ella então, nas desgraçadas consequencias d'esses amores.

Como se sabe o principe Rudolpho era casado, e, portanto, os seus amores com a joven baroneza principiaram a dar motivo á critica na côrte, onde logo constou que o principe estava apaixonado e entretinha relações illicitas com a filha da baroneza Vertsera.

As luctas de familia que então se travaram não são do dominio publico, e tudo quanto se tem dito não passam de supposições mais ou menos bem fundadas, mas que não se póde affirmar sejam a expressão da verdade.

O resultado d'essas luctas, em que o dever se oppunha ao amor, foi bem triste como se viu.

O principe Rudolpho parecendo obedecer ás razões que sua familia lhe oppunha aos seus desordenados amores, tinha aparentemente esfriado um pouco as suas relações com a joven baroneza, e a mãe d'esta procurando remediar o mal que a principio deixara desenvolver tanto a seu contento, preparava o casamento de sua filha com um capitalista francez, que em tempo requestara a sua mão, e que agora mesmo a não desdenhava, apesar de saber o que se passava, segundo o dizer de algumas folhas allemãs.

Estavam as coisas n'este ponto quando, no dia 28 de janeiro d'este anno, a baroneza Maria Vertsera desappareceu de casa deixando uma carta em que dizia se retirava por alguns dias para casa d'uns parentes.

Havia dias que o principe Rudolpho partira para uma caçada em Meyerling, e logo que na côrte se soube do desapparecimento de Vertsera, o archiduque Carlos Luiz tio do principe Rudolpho, telegraphou a seu sobrinho convidando-o a vir jantar com elle n'esse dia, para na intimidade da conversação saber d'elle se o desapparecimento da baroneza, era a continuação dos amores que elle mais de uma vez o aconselhara a abandonar.

O telegramma porém não chegou ás mãos do principe, porque este não estava no palacio de Meyerling quando elle ali foi recebido, e o criado particular do principe esperou todo o dia inutilmente que seu amo viesse da caça.

A noite, como o principe não apparecesse vieram os receios de que lhe tivesse acontecido algum desastre, e o pessoal do palacio, com o conde de Hoyos á frente, correu em procura do principe Rudolpho por toda a matta de Meyerling sem conseguir encontral-o.

Já de madrugada, quando todos recolhiam pesarosos, um guarda da mata, chamado Wener, ao chegar a sua casa encontrou a porta fechada por dentro e viu luz no interior da pobre habitação, o que o surprehendeu e fez que elle depois de bater á porta sem que lh'a abrissem, a forçasse com violencia e entrasse em casa, onde se lhe deparou um horrivel espectaculo.

Sobre a miseravel cama do guarda jazia o cadaver da baroneza de Vertsera, e proximo d'este o cadaver do principe Rudolpho ensanguentado pelo sangue que lhe sahira de uma brecha que tinha na cabeça, resultado de um tiro.

Ao grito de alarme dado pelo guarda Wener, acudiram todos que tinham ido em procura do principe, e o conde de Hoyos verificou que os dois infelizes amantes se tinham suicidado, o principe com um tiro de espingarda que estava cahida junto do cadaver, e a baroneza com veneno que depois se reconheceu ser estrychnina.

Eis como acabaram estes amores de que o futuro fará uma lenda romantica, mas que foram uma realidade cruel.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

VI

OS CORREIOS

Depois do que ha escripto ácerca dos correios e postas do reino, pouco mais temos a accrescentar. Sobre a parte historica d'esta instituição escreveu o sr. Madeira Pinto — hoje conselheiro director geral do commercio e industria — uma excellente memoria denominada *Origens e progressos das instituições postaes em Portugal*, livro que sobre o assumpto é um estudo valioso, se bem que devido em parte ao não menos curioso e bem elaborado relatorio postal de 31 de dezembro de 1878, dirigido ao ministro das obras publicas pelo director geral dos correios e postas do reino o sr. Guilhermino Augusto de Barros.

E d'esses dois importantes trabalhos que procuraremos extrahir parte dos dados historicos para formar-mos este nosso modesto artigo, visto a probabilidade d'aquellas noticias historicas não serem conhecidas de muitos dos nossos amaveis leitores, que bonevolamente teem seguido e apreciado o resultado das investigações a que nos entregámos, e temos tido a honra de publicar n'esta revista litteraria. [1]

Procuraremos seguir n'esta esposição o que temos feito em todas as outras nossas monographias, isto é, trataremos de nos affastar da inutilidade fastidiosa das palavras, e, em termos claros e concisos nos limitaremos a narrar a largos traços as phases porque tem passado entre nós a instituição dos correios desde a sua origem até á actualidade.

E esse o melhor meio de não nos emmaranharmos em divagações, que, tornando prolixo este artigo, iria cançar o leitor ao mesmo tempo que invadir o espaço precioso que n'esta folha é destinado pelo seu laborioso fundador a muitos outros e diversos assumptos.

Deve-se a el-rei D. Manoel a introducção do serviço postal no reino. Era então o officio de correio-mór dado por privilegio a qualquer fidalgo da casa real, a quem o rei julgasse digno pelos seus merecimentos, de occupar aquelle importante encargo. O primeiro que teve esse privilegio, foi Luiz Homem, por mercê de 6 de novembro de 1520, privilegio que depois lhe foi renovado por D. João III.

Os principaes deveres do correio-mór eram: 1.º residir em Lisboa; 2.º estabelecer tantos *mestres da posta* quantos fossem necessarios para a entrega das cartas e satisfazer ás requisições dos particulares; 3.º ajustar com os interessados os preços dos portes de correspondencia; 4.º prestar o devido juramento na chancellaria regia; 5.º os seus empregados usariam de armas reaes nos vestidos, trariam espada e punhal.

Entre os privilegios que gosariam esses homens, avultavam os de serem isentos dos cargos e serviços do conselho, de fintos e disimos; os seus haveres não podiam ser penhorados nem elles podiam ser presos por dividas, e em viagem todas as auctoridades lhes facilitariam mantimentos, bestas, guias, e tudo o mais de que carecessem.

Essas viagens teriam caracter official não impe-

[1] Vid. OCCIDENTE n.os 331, 332, 335, 336, 337 e 340.

O CARNAVAL DE 1889, EM LISBOA — A BATALHA DAS FLORES NA AVENIDA DA LIBERDADE — VID. CHRONICA OCCIDENTAL

(Desenho de L. Freire)

dindo todavia, que qualquer particular podesse enviar, por sua conta, um ou outro emissario, mas só com a sua correspondencia

O correio-mór tiraria de todos os proventos postaes a decima parte para si, como salario do seu officio.

Parece que esta instituição foi organisada segundo os modelos do que anteriormente havia estabelecido Carlos Magno, na Italia, Allemanha e em grande parte da Hespanha.

Foi no tempo de D. João III que os serviços postaes se iniciaram praticamente da maneira que acabamos de enunciar, pois que parece que até ali os regulamentos e avisos não haviam passado do papel. O serviço do correio lemitava-se então, apenas a uma pequena area de cinco leguas em torno da côrte.

Fallecendo Luiz Homem, o rei deu o logar de correio-mór a Luiz Affonso por diploma de 22 de dezembro de 1532 com quinze reaes de ordenado ou o que tanto vale, 600$000 réis annuaes, pois que a moeda chamada *real de prata*, mandada cunhar por aquelle rei, tinha o valor de dois vintens.

Pelo alvará de 13 de janeiro de 1533, os *correios-mestres* deviam exercer o seu officio fielmente, prestar juramento, guardar segredo e pagar ao *correio-mór* os direitos de apresentação. O monopolio seria por conta do estado, devendo o correio-mór regularisar as viagens e colher os proventos estabelecidos na lei. Quando el-rei corresse a posta serviria elle de postilhão.

A Luiz Affonso succedeu Francisco Coelho, seu genro, moço da real camara e a este tambem um genro, Manoel de Gouvêa, casado com Ignez Guerra Coelho.

Vê-se pelo que acabamos de enunciar que o cargo de correio-mór andava, por direito consuctudinario, ligado á familia onde fôra instituido, mas, dando-se a usurpação de Castella, as cousas mudaram de figura com o governo de Filippe II, que deu ordem para que aquelle officio passasse a ser dado por meio de contracto de venda o que se fez, ficando senhor d'essa grossa prebenda por 70:000 cruzados (28:000$000 réis) Luiz Gomes da Matta, homem endinheirado que tratou logo de validar o seu contracto por ordenança regia de 19 de julho de 1606.

Quarenta annos depois, pela subida ao throno d'el-rei D. João IV, o serviço postal, que então muito se havia desenvolvido, teve completa organisação (17 de fevereiro de 1644) tomando o governo parte activa n'essa reforma, se bem que D. João IV confirmasse o direito de propriedade do officio de correio-mór na pessoa de Luiz Gomes da Matta. Essa organisação foi por muitos annos conhecida pelo nome de — *regimento do correio-mór*.

Em 1674 falleceu Luiz Matta succedendo-lhe no officio seu filho Duarte de Sousa da Matta Coutinho, que foi o sexto correio-mór.

A este seguiu-se Luiz Victorio da Matta Coutinho, ao qual muito se deve o estreitamento das nossas relações postaes com os paizes estrangeiros. O primeiro convenio entre Portugal e o estrangeiro foi feito em Londres em 20 de fevereiro de 1705. Assignam esse convenio Luiz Victorio de Sousa da Matta Coutinho, Roberto Cotton e Thomaz Franklan.

Em 1753 o correio-mór pediu para que lhe fosse concedido um por cento de todo o dinheiro que remettesse de umas para outras terras do reino, o que lhe foi deferido. É a esse facto que se remonta a origem dos chamados *vales do correio* e sua percentagem.

(Continúa) *Silva Pereira.*

O CANTO DA SEREIA

(Concluido do n.º 367)

Broth sahiu do collegio junto commigo. Ao deixar as aulas sabia mais que todos os nossos mestres reunidos.

Dedicára-se quasi exclusivamente á musica e passava dias inteiros inclinado sobre o viollloncello, que era o seu instrumento predilecto.

O seu unico amigo era eu. Quando me ia ver, estendia-me a mão com um olhar meigo e murmurava em tom desesperado:

«Ainda não!

E calava-se e parecia não me ouvir.

Affastado do mundo como vivia, nunca d'elle lhe fallei, nem pretendi lançal-o no turbilhão social.

As minhas visitas eram retornos aos tempos de estudo, de meditação e serenidade. Falava-lhe de philosophia, historia, sciencias laboraes dos ultimos descobrimentos de todo esse mundo intellectual que juntos percorreramos. Despedia-me sem obter mais do que um aperto de mão.

Um dia recebi uma carta. Dizia assim:

«Daniel.

Foste o meu unico amigo.
Ainda não!
Parto, mas não desesperado: hei de achar.

Broth.»

Senti uma dôr aguda: corri a casa d'elle; era tarde! Partira, sem dizer a ninguem para onde. Broth era o homem que eu mais admirava; tinha para mim uma aureola de genio sobrehumano, que até nos meus sonhos a julgava vêr. A sua magnifica intelligencia applicada só a um objecto phantastico — averiguar qual foi o canto das sereias — causara-me uma impressão terrivel, que não podia apagar da alma.

A pouco e pouco a recordação de Broth foi-se convertendo n'uma d'essas reminiscencias confusas que se conservam da leitura de um conto de Hoffmann lá na infancia. Segui a torrente da vida e o nome de Broth ficou-me na memoria fracamente illuminado pela ternura do coração.

. . . .

Dez annos haviam decorrido desde o dia em que recebi a despedida de Broth; viajava por Allemanha, não já com o enthusiasmo do homem moço, mas com essa observação serena que caracterisa a edade madura.

A Allemanha é a terra dos poetas, como a Italia é a patria dos artistas.

A poesia é sempre intima e subjectiva: vive no fundo da alma e os homens que têem esse hospede sublime vivem longe do mundo, bebendo as inspirações nas sensações mysteriosas do seu ser eterno.

Os italianos abrem a alma, como as flores os calix, ao calor do Sol ardente; os allemães, como as modestas sensitivas, expandem-se no silencio da noite. A Italia o infinito é uma forma; na Allemanha é uma ideia.

Um dia fui convidado a visitar uma casa de alienados n'uma das mais pittorescas aldeias que dormem á sombra dos castellos feudaes que vigiam eternamente o Rheno. Um distincto medico dirigia o estabelecimento, que tinha apenas uns vinte ou trinta doentes.

Percorrendo o edificio, admiravelmente dispos to para o fim a que era destinado, emquanto o professor me explicava diversas manias e os meios de as curar, ouvimos o echo languido de um violoncello.

Estremeci, porque uma ideia, uma d'essas mysteriosas advinhações da alma me surprehendera.

Não me atrevi a fazer a menor pergunta.

«Esse infeliz que toca violoncello com tanto sentimento, disse-me o medico, é o maniaco mais poetico que tenho conhecido. Já é velho; mas nas suas palavras, as poucas vezes que falla, ha certa frescura juvenil. Tem empregado toda a sua vida na sollução de um problema curiosissimo: qual foi o canto das sereias.

Dei um grito e encostei-me a uma arvore para não cahir. A musica continuava tristissima e suave, como uma d'essas melodias que julgamos ouvir durante os sonhos das noites de verão. Era rara; nunca ouvira nada semelhante. Tinha o que quer que fosse da ballada dos povos primitivos e ao mesmo tempo um não sei quê de algum murmurio ouvido no silencio da natureza durante as horas de repouso. Sentia-me attrahido e uma nuvem de idéas me arrebatava a alma aos outros tempos, a outras sensações quasi olvidadas...

Era o meu pobre amigo quem tocava!

Broth, niveos os longos cabellos, vago o olhar, abraçava o seu instrumento como a barca em que vogasse no delicioso mar do infinito.

Pelas faces corriam-me lagrimas, mas não as lagrimas vulgares da dôr. Sentia um prazer secreto; acreditava que Broth era feliz e no intimo do coração abençoava o ceu que tão doce loucura enviára ao meu querido companheiro da infancia.

Approximei-me silencioso: Broth levantou os olhos para mim e, quasi sem mover os labios, sem me conhecer, sem se lhe alterar no minimo o limpido olhar, como se a sua alma estivesse no ceu das delicias, murmurou mysteriosamente, fazendo um signal de silencio:

«Cale-se por amor de Deus! É o canto da sereia!

Daniel.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XI

E desesperado, com muita rasão, deve-se confessar em abono da verdade, o sr. Leitão foi chinelando pelo corredor fóra, resmungando pragas terriveis contra aquelle implacavel Quim que tão duramente lhe amargurára os annos de sua filha.

A sr.ª Leitão, essa perdoou no seu intimo ao Quim a massada que lhe dera e o susto que lhe pregára, pelo alivio enorme que sentira ao reconhecer-lhe a voz, ao ver que não eram ladrões que estavam a arranhar na sua porta.

E depois, no fim de contas, esse Quim dera-lhe um beijo, e se no primeiro momento de surpresa o seu pudor se indignara com o atrevimento, minutos depois, mais a sangue frio e pensando melhor no caso, a sr.ª Leitão que era mulher, apesar de não o parecer muito á primeira vista, teve para o atrevido essa misericordia que ha sempre no fundo de todos os corações femeninos para as audacias que provocam.

E por todos estes motivos a que accrescia ainda o motivo superior do procedimento ser do seu esposo, a sr.ª Leitão levou muito a mal esse procedimento malcreado, e quando o marido voltava para o quarto rosnando ella ainda o seguiu um pedaço pelo corredor, censurando as suas palavras brutaes para o Quim.

—Então tu respondeste assim ao pobre rapaz, coitado?...

—Que vá para os quintos do inferno! resmungava o sr. Leitão, em guiza de resposta, caminhando sempre.

—Isso não são modos, Leitão; o rapaz veio procurar a irmã...

—Vá procural-a a casa, que tal está o da rabeca!...

—Anda, abre a porta...

—Eu? Só se abrisse a porta para lhe abrir a cabeça com esta bengalla, respondia o sr. Leitão, agora muito pimpão, brandindo a bengala com denodo.

—Elle pode desconfiar, pode escandalisar-se...

—Que se escandalise... Tem dois trabalhos.

—Mas olha que nós, que eu sobre tudo sou obrigada á irmã, á Emilinhas...

—Se estás obrigada põe-te á vontade...

—Anda cá fallar-lhe.

—Vou para a cama, é para onde eu vou.

—Tu mandaste-o ao diabo...

—Que vá, que vá onde eu o mandei.

E dizendo, o sr. Leitão mettia-se de novo em valle de lençoes...

Se não fosse a questão do beijo a sr.ª Leitão teria feito um d'esses grandes chinfrins domesticos em que era eximia, e obrigaria o seu marido a obedecer-lhe, a curvar-se á sua vontade, como se curvava sempre e a ir pedir desculpa ao Quim.

Mas a historia do beijo tirava-lhe a força, embargava-lhe até certo ponto a sua autoridade domestica.

Não quiz grimpar, não quiz levar a sua ávante porque receiou que seu marido imaginasse que era o beijo que a fazia fallar.

É verdade que quem não deve não teme, e que a sr.ª Leitão não mettera prego nem estopa para o osculo do Quim, mas se de facto não mettera nem estopa nem prego, entretanto o Quim dera-lh'o e ella agora não sentia pelo insolente nem pela insolencia, aquella indignação terrivel e sagrada que no fundo da sua consciencia de mulher bis-casada comprehendia que devia sentir.

E por isso, não se achando de todo isenta de culpas no cartorio, não teve forças para apertar muito a corda a seu marido, e deixando-o metter-se na cama á vontade voltou para traz desistindo de o convencer a desculpar-se para com o irmão da Emilinhas. Mas essa desistencia não implicava o ter desistido absolutamente de apresentar as desculpas ao Quim.

Se o marido não queria fazer isso, podia ella fazel-o.

Era até a unica maneira de salvar a situação.

E ao mesmo tempo chegava a achar bom que seu marido se tivesse recusado a fallar com o Quim.

Assim tinha ella toda a razão para lhe fallar, e pode muito bem ser, que n'essa mesma noite tivesse a explicação d'aquelle inexplicavel e inesperado osculo dado ás escuras.

Quando chegou ao pé da porta, pesando no seu espirito estas varias idéas, e perfeitamente resolvida a parlamentar com o Quim, e dar-lhe as desculpas que seu marido se recusara a apresentar, e a explicar-lhe o que era feito de sua irmã, da

Emilinhas, encontrou a cosinheira, no mesmo sitio onde a deixara, encostada á porta, d'ouvido á escuta.

—Tire-se lá, abra a porta, ordenou a sr.ª Leitão.

E avançou a mão para a chave.

Mas a creada deteve-a, dizendo-lhe em voz baixa, muito rapida e um pouco tremula.

—Não abra, minha senhora, não abra!

—Não abra porque? perguntou a sr.ª Leitão muito admirada.

Olhou então para a cara da Anna e reparou que as feições da cosinheira estavam de novo transtornadas.

E começando tambem a assustar-se outra vez perguntou-lhe em voz baixa tambem.

—O que foi? Houve mais alguma novidade?

—Houve mais um espirro! disse a cosinheira apavorada.

—Pateta! então o que tem isso? Já se vê que nariz que dá um espirro dá um cento.

—Sim, mas parecia espirro d'outra pessoa.

—Ora adeus! Então você não conheceu a voz do sr. Quim, como eu conheci e como o senhor conheceu?

—Tambem me pareceu conhecer... mas isso não tem nada.

—Não tem nada? Tanto tem que o senhor que é bem medroso, já se metteu na cama muito descançado.

E forte com estes argumentos que appresentava victoriosa aos terrores injustificados da cosinheira, a sr.ª Leitão deu volta á chave, chamando atravez da porta.

—Ó sr. Quim! sr. Quim!

Ninguem respondeu.

A cosinheira teve então uma lembrança terrivel que aterrou outra vez a sr.ª Leitão.

—Quem nos diz a nós, lembrou ella, que a voz que nós ouvimos não fosse uma voz falsa?

—Voz falsa? repetiu a sr.ª Leitão sem perceber.

—Sim, algum gatuno que conheça o sr. Quim, que soubesse que elle tinha cá estado, e que fingisse a voz d'elle para ver se nós lhe abriamos a porta?

A sr.ª Leitão olhou para a Anna, não respondeu nada, mas ficou pensativa.

É que podia muito bem ser aquillo que dizia a criada.

Ás vezes os ladrões tem idéas muito astutas, e nada mais facil do que saberem que tinha sido dia d'annos lá em casa, terem visto sahir o Quim, depois verem sahir a Emilinhas, a irmã d'elle, com a D. Rita e os filhos, e lembrarem-se de arranjar aquelle pretexto do Quim procurar a irmã, para dado o caso de serem presentidos.

O imitar a voz do Quim era facil, sobre tudo em piano e atravez d'uma porta.

E demais a mais, agora que começava a ter outra vez medo, agora que a idéa da cosinheira fizera nascer duvidas no seu espirito a sr.ª Leitão sentia-se perfeitamente incapaz de affirmar se a voz que tinha ouvido era ou não a voz do Quim e até mesmo lhe parecia já que essa voz não era bem a d'elle, que tinha um timbre differente, que procurára disfarçar.

E foi já com muito menos resolução e confiança, que sem se atrever a correr o fecho á porta, e mechendo apenas na chave para fazer bulha e para attrahir as attenções da pessoa que estava do lado de lá, na escada, a sr.ª Leitão chamou outra vez:

—Ó sr. Quim? sr. Quim?

—Minha senhora, respondeu uma voz muito sumida, que claramente pareceu á sr.ª Leitão e á Anna ser uma voz disfarçada.

E ao mesmo tempo sentiu passos que subiam de mansinho, mas muito rapidamente, a escada.

E as duas mulheres empallideceram.

Distinguiam-se perfeitamente as pancadas dos pés galgando ligeiros os degraus, e eram mais de dois.

—Não é só uma pessoa, disse a sr.ª Leitão muito assustada.

—Não sei se é só uma ou não, mas quatro pés são com certeza.

—Minha senhora, aqui estou. V. Ex.ª chamou? perguntou da escada a mesma voz mas agora já mais forte, como que mais de perto.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

Varias questões entretem actualmente a politica portugueza, embora friamente em resultado das grandes bategas d'agua das bisnagas carnavalescas que se espremeram nos ultimos tres dias do entrudo.

Mas este estado não é mais que a transição para a actividade, que é de presumir anime a politica, logo que se reabra o parlamento.

Que de coisas extraordinarias se annunciam já para essa reabertura a aguçarem o apetite mais exigente. As responsabilidades accumulam-se e em cada dia apparecem novos factos a que a opposição se agarra como a outros tantos motivos de censura e guerra ao actual gabinete.

Temos chegado ao periodo em que tudo quanto o governo faz é mau, e de bom só póde fazer o demettir-se.

Ora francamente o negocio dos quatrocentos e quarenta e nove contos, com que se tem feito tanta carga ao governo, parece-nos que só foi mau para quem n'elle não entrou, e então atraz de tempo, tempo vem e outros negocios virão,—se é que não vieram já—quem sabe se fazer a inveja do que agora tanto se incrimina.

Falla-se na viciação dos recenseamentos eleitoraes que no Porto pôz fóra da urna tres mil e tantos eleitores, e em Belem excluio da commissão de recenseamento certos maiores contribuintes; mas tambem nos parece que estas illegalidades eleitoraes não são nunhum caso novo que possa ser apedrejado sem receio que venham quebrar o nosso telhado.

Portanto se a politica portugueza se tem desauctorisado com tantos actos censuraveis, quem independentemente poderá tomar a sério as suas indignações por este ou por aquelle acto ilegal d'este ou d'outro governo.

De ha muito que a politica vive no meio de censuras, de ha muito que ella clama pela legalidade e fiel observancia da lei e entretanto essas censuras repetem-se reciprocamente entre os partidos, sem que nenhum tenha a coragem de arrostar com os obstaculos que determinam essa vida illegal.

Não vae longe o tempo em que uma alta dignidade respondia ás censuras que o governo lhe dirigira por um acto illegal que praticara, perguntando quem é que n'este paiz cumpria a lei? E esta pergunta ficou sem resposta.

Não sabemos por que não se nomearia uma commissão para estudar o assumpto, por ser este o expediente que em geral se toma nos negocios que não tem sahida.

A questão, porém, que mais interessa n'este momento o paiz é a sua representação na exposição de Paris que está proxima a inaugurar-se.

Devem concordar que ainda é tempo de questionar, sobre se o governo deve intervir officialmente na representação da nossa industria n'aquelle certamen, ou não.

Sim ainda temos pano para mangas, porque em geral o que menos preoccupa os governos é o trabalho nacional, e então pouco importa que elle se represente melhor ou peior na exposição, e o caso só está em satisfazer a opinião publica que se tem pronunciado pela nossa concorrencia ali.

E com estas questões que se deviam ter resolvido antecipadamente, se perde tempo e vontade, dando em resultado que a nossa representação em Paris será um *fiasco* apesar do thesouro gastar o dinheiro que antes tinha por mal empregado.

N'isto ao menos ha coherencia porque não se afasta do emprego que dá a uma boa parte das receitas publicas.

A ultima noticia que temos a dar aos nossos leitores é a do congresso agricola d'Evora, que deitou representação ao Rei, o que nos faz matutar sériamente sobre o regimen que nos governa.

Estas repetidas representações a El-Rei para tudo e a proposito de tudo, transporta-nos a tempos que já lá vão, e só se explicam por um grande desprezo do systema que nos governa, e como não hade ser assim se esse systema está de tal modo sophismado que ninguem confia n'elle.

Pois por muito boa vontade que El-rei tenha em attender ao estado deploravel da nossa agricultura, não será facil remedial-o, porque as leis sabias e desassombradas que a poderiam proteger ainda estão por fabricar e dependem de problemas economicos muito mais difficeis de resolver do que fabricar deputados e conselheiros.

E agora não deixaremos de nos referir ás soculentas descomposturas que estamos levando em Paris por causa do famigerado emprestimo de D. Miguel.

Sim a coisa não se perde assim e então lá se vae desforrando em grosseiros adjectivos impressos em grandes cartazes affixados pelas esquinas de Paris, e a fartura cremos que é tanta que os exportam para cá, não sabemos bem se para os affixarmos tambem nas esquinas de Lisboa.

Ora se nós fossemos tão ignorantes como aquelles senhores, elles perdiam os seus cartazes por inetelligiveis para nós, porque é claro os cartazes são em francez; mas assim não nos podemos disforçar descompondo-os em bom portuguez de Fernão Lopes, porque não nos entendem.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Batalha das Flores. — Assim como em Lisboa, tambem no Porto houve *Batalha das Flores*, e a moda tem-se propagado tanto que até chega ás aldêas mais modestas do paiz. Uma verdadeira febre de *Batalha de Flores*, que só prova que este divertimento é sympathico e convidativo, muito mais agradavel que os brinquedos grosseiros e sujos que distinguiam o carnaval de tempos que já lá vão.

Depois da *Batalha das Flores* da Avenida em Lisboa a que a *Chronica Occidental* se refere e de que a estampa de paginas 60 e 61 reproduz um dos seus episodios, a mais notavel foi a *Batalha das Flores* no Porto, que se realisou na terça feira de Entrudo, no Palacio de Crystal. Apesar do dia chuvoso, ainda assim reuniram-se no Palacio de Crystal cerca de 6:000 pessoas, e concorreu á festa a *elite* da sociedade portuense, figurando no torneio um bom numero de carruagens enfeitadas, em que se distinguiam as dos srs. Francisco, Brandão, dr. Arnaldo de Faria, Arthur de Aragão, Condes de Couvo, Diogo Cabral, Delfim de Lima, Guilherme de Lima, Manuel Soares, etc.

A *Batalha* deu-se no centro da avenida do palacio e principiou pelas 2 horas da tarde. Notavam-se exhibições de bom gosto na ornamentação dos carros.

Incendio de uma fabrica.—Na madrugada de 8 do corrente appareceu fogo em uma das officinas da fabrica de lanificios da Arrentella, uma das mais importantes do paiz.

O incendio poude felizmente limitar-se á officina onde se manifestara, sem se estender ao resto da fabrica que occupa a extensão de 4,320 metros quadrados, e emprega 500 operarios. Os prejuisos são calculados em 1:000$000 réis estando a fabrica segura em 255:000$000 réis.

Conferencia. — Celebrou-se em a noite de 7 do corrente uma sessão na Sociedade de Geographia de Lisboa, para a conferencia do benemerito missionario na Africa portugueza, sr. Padre Barroso, de que o Occidente publicou o retrato no n.º 364.

Assistiram a esta conferencia os srs. ministros dos estrangeiros e da fazenda, o sr. arcebispo de Mytilene, Serpa Pinto, e Marques além de outros membros da sociedade e convidados.

A conferencia do sr. Padre Barroso versou sobre os nossos dominios do Congo e da politica que convinha ali seguir-se. O conferente fallou com a proficiencia de quem conhece bem o assumpto e foi muito applaudido.

Bom será que d'estas e outras conferencias se colham resultados praticos para a prosperidade dos nossos dominios africanos.

Outro incendio. — Em a noite de 9 do corrente manifestou-se incendio em umas officinas da Companhia Real de Caminhos de Ferro Portuguezes, na estação de Santa Apolonia.

O incendio destruiu completamente essas officinas e inutilisou o material que continham, composto de wagons incluindo as carroagens salão que serviam a suas magestades, e as que serviam aos ministros e direcção da companhia.

Os prejuizos avaliam-se em 120:000$000 réis.

Outro tunel em lisboa. — Foi apresentada á camara municipal de Lisboa pelo sr. dr. Domingos Pinto Coelho, como representante de M. Emile Roussard uma proposta para a abertura de uma passagem subterranea entre o Rocio e o largo do Conde Barão com um ramal para o largo do Corpo Santo e outro para a rua de S. Bento a desembocar em frente do novo mercado.

Esta passagem denominar-se-ha a *Passagem da Princeza Amelia* e a sua entrada será aberta na muralha do Carmo junto ao extremo sul da rua do Principe. Terá 9 metros de altura por 10 metros de largura, e o tunnel percorrerá a extensão de 600 metros, que tanta é a distancia da trajectoria traçada entre o pequeno largo da rua do Principe e o largo do Conde Barão. O mesmo proponente pede a concessão da obra sem subsidio e apenas exige que a camara promova por lei de utilidade publica a expropriação das propriedades que for necessario demolir, para se fazer esta obra. Esta passagem será

construida no praso d'um anno, e o mesmo concessionario reserva-se o direito para em dois annos estudar e construir outra ligação do mesmo tunnel com a Praça de Luiz de Camões, onde será aberto um *rond-point* na vertical d'esta praça.

O proponente requer o direito de exploração da passagem pelo espaço de 50 annos findos os quaes ficará livre para a cidade. O preço para o transito é de 20 réis para peões e cavalleiros, 40 réis para carruagens e 200 réis para carros americanos ou de transporte de mais passageiros, etc.

Parece-nos de incontestavel vantagem esta proposta com que a cidade tem tudo a ganhar para o seu desenvolvimento e commodidade.

Abdicação do rei da Servia.— É facto consumado a abdicação do rei Milan I da Servia, a que nos temos referido por vezes no Occidente, assim o communicam telegrammas de 7 do corrente. O rei Milan abdicou em seu filho, o principe Alexandre que tem pouco mais de 12 annos de idade. O retrato d'este principe e mais o do rei Milan e rainha Nathalia sua esposa vem publicados a paginas 193 e 227 do 11.º vol. do Occidente com as respectivas noticias biographicas. A abdicação do rei é resultado de complicações politicas na Servia a que não é extranha a questão do divorcio d'este monarcha como geralmente se sabe. Na menoridade do novo rei foi confiada a regencia aos srs. Ristich, Protich e Belimarkowich antigos ministros da Servia.

Parece, porém, que a abdicação não resolverá completamente as complicações da politica da Servia tanto interna como externamente.

Congresso Agricola.—Reuniu em Evora um congresso agricola composto dos principaes lavradores do Alemtejo, presidido por Sua Alteza o Principe D. Carlos. A reunião d'este congresso teve por fim o tratar da confederação agricola do Alemtejo, instar pelas medidas proteccionistas á agricultura portugueza, e ao concurso d'esta á exposição de Paris. Não se póde ainda avaliar o resultado pratico do congresso, porque foi nomeada uma grande commissão que veio a Lisboa apresentar a El-Rei as suas pretenções, que o governo tomará na devida consideração.

Duque de Aumale. — O governo francez derrugou a interdição do territorio da França ao duque de Aumale, que tinha sido imposta por decreto de 13 de julho de 1886. O decreto que derroga a interdição tem a data de 7 do corrente.

Premio da Academia das Sciencias de Lisboa. Ao premio de 1:000$000 offerecido por El-Rei e conferido pela Academia, concorreram este anno os seguintes auctores com as seguintes obras: Domingos Tarrozo, *O monopolio da Sciencia Official;* J. de Souza Larcher, *Questões economicas e administrativas;* João Saraiva, *Lyricas de João Saraiva;* Dr. Patricio da Costa, *Romeu e Julieta* (poema); Francisco de Barros, *O Morgado de S. Cosme;* (chronica da aldeia); Alfredo Luiz Lopes, *Estudos de anthropologia criminal;* Brito Aranha, *A obra monumental de Luiz de Camões* (Estudos bibliographicos); Oliveira Martins, *Camões, os Luziadas e a Renascença em Portugal;* Carlos de Mello, *Portugal maritimo, costas e portos maritimos;* Moniz Barreto, *Oliveira Martins, Estudos de psychologia;* J. F. Azevedo e Silva, *Commentario ao novo codigo commercial portuguez;* Joaquim dos Santos Callado, *Loucura e crime* (drama); Sebastião Telles, *Introducção ao estudo dos conhecimentos militares.*

PUBLICAÇÕES

Grande Diccionario Contemporaneo *Portuguez-francez* por Domingos de Azevedo, publicado sob os auspicios de Victor Hugo e revisto por Luiz Filippe Leite etc. Antonio Maria Pereira editor, Lisboa. Fasciculos 59 a 62 com que conclue este magnifico diccionario o mais complelo que conhecemos e o que melhor se presta ao estudo da lingua franceza, como já por outras vezes nos temos occupado largamente n'este logar.

A BARONEZA MARIA VETSERA

(Segundo uma photographia)

Historia da Lusitania e da Iberia por João Bonança; está publicado o fasciculo 12.º de esta grande obra nacional. Assignatura por fasciculos de 32 paginas em Lisboa e nos pontos onde houver estação postal, 400 réis cada fasciculo. Vol. pago adiantado 6$000 réis; obra completa por assignatura 17$000 réis. Preço da obra completa (3 vol.) depois de publicada 27$000 réis. Correspondencia dirigida á *Empreza da Historia da Luzitania e da Iberia*, rua Ivens, 41, Lisboa.

A Joia do Vice-Rei. — *Brinde aos srs. assignantes do Diario de Noticias em 1888.* Não podia ser mais feliz na escolha a empreza do *Diario de Noticias* no brinde que acaba de offerecer aos seus assignantes, dando-se n'esse brinde um facto da nossa historia brilhantemente descripto pela penna de Pinheiro Chagas. Um quadro historico do seculo XVI que tem por protogonista o grande D. Francisco de Almeida primeiro vice rei da India e das mãos do qual Affonso de Albuquerque, outro grande vulto da nossa historia, recebeu o governo d'aquella parte do mundo. Este quadro resume a historia do primeiro governo da India e portanto as vicissitudes porque passou D. Francisco d'Almeida. que depois de ter perdido seu estremecido filho D. Lourenço, perdeu a propria vida combatendo com os pretos no Cabo da Boa Esperança, quando regressava ao reino. É de lêr esta narrativa que Pinheiro Chagas foi buscar ás *Lendas da India* de Gaspar Correia, e que elle anima com o folgor do seu talento, dando-lhe todo o collorido e vida que sabe imprimir as suas producções litterarias.

O Testamento Vermelho por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá e illustrações em chromo por M. de Macedo. David Corazzi editor, Lisboa. Quinto e ultimo volume d'este romance um dos mais notaveis do festejado romancista francez.

Projécto *para a organisação das Escolas Industriaes de fiação e tecelagem*, por Augusto G. C. Moraes, industrial e antigo alumno do Instituto Industrial do Porto, Porto. 1889. Este projecto é submettido a apreciação do ministro das Obras publicas, e sem podermos entrar na sua apreciação, porque para isso nos faltam os conhecimentos technicos e da industria de que se trata, poderemos entretanto dizer que este projecto é resultado do estudo theorico e pratico do seu auctor reforçado com o que viu e aprendeu na visita que fez ás principaes fabricas de Mulhouse, Ruão, Lille, Amiens, Cumines, Roubaix, Armantières e Bruxellas.

Parece-nos, pois, que no momento em que Portugal parece acordar para a vida industrial, cuidando do ensino profissional dos seus artifices, são uteis todas as obras que venham em auxilio da nossa regeneração industrial.

Historia da Revolução Portugueza de 1820 *illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella época*, etc, por José d'Arriaga. Lopes & C.ª editores, Porto. Fasciculo 34 primeiro do 4.º e ultimo volume d'esta importante obra.

Gazeta dos Caminhos de Ferro *de Portugal e Hespanha, navegação, commercio, portos, correio, telegraphos, minas.* Director L. de Mendonça e Costa, collaboradores os principaes engenheiros portuguezes. Lisboa, n.º 23 de 16 de fevereiro de 1889.

A utilidade d'esta publicação está sendo plenamente confirmada pelo interesse das suas secções, sobretudo para a classe commercial.

Saneamento do Porto, *relatorio apresentado á commissão municipal de saneamento* por Ricardo Jorge. Porto, 1888. As considerações desenvolvidas pelo auctor sobre o saneamento do Porto, mostram bem a difficuldade de resolver este problema n'aquella cidade, não obstante a necessidade que ha de melhorar as suas condições sanitarias, que diga-se em verdade não são de invejar.

Deus fade bem o trabalho do distincto professor e que elle possa concorrer para os melhoramentos hygienicos da cidade do Porto.

Relatorio e contas *da direcção do Atheneu Commercial do Porto, gerencia do anno de 1888.* Porto, 1889. São importantes os serviços prestados á instrucção por esta sociedade, e a leitura do seu relatorio affirma bem o valor do Atheneu Commercial pela exposição dos factos da sua vida. A bibliotheca d'esta sociedade é, porventura, o elemento mais florescente e util que n'ella domina e aquelle d'onde os seus associados e ainda estranhos colhem mais proveitosos fructos. O numero total de obras que esta bibliotheca já possue ascende a 7.750 obras divididas em 12.104 volumes, alem das publicações periodicas que se encontram no seu gabinete de leitura. Em 31 de dezembro de 1888 contava 949 socios dos quaes 768 contribuintes. A sua receita no referido anno elevou-se junta ao saldo do anno anterior a réis 10:555$170, e a despeza foi de 9:274$471 de que resulta um saldo a favor de 1:280$699 réis.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43